
PalavrAr-te entrevista a artista e estudante da EBA, Júlia Vicente.

<https://espacoalexandria.ufrj.br/>

Publicado em 14 de maio de 2022.

Nesta entrevista, Júlia Vicente conta como sua experiência nas artes dramáticas integra-se a seus diversos trabalhos nas artes visuais. A artista também discute como a memória, as origens, o imaginário e o cotidiano estruturam os eixos temáticos centrais de sua expressão artística. Na mistura de referências e nas (des)organizações que propõe, a performance se destaca como a linguagem preferencial em sua produção.



PalavrAr-te: *Quando você entrou na universidade, já tinha como objetivo o curso de Artes Visuais-Escultura?*

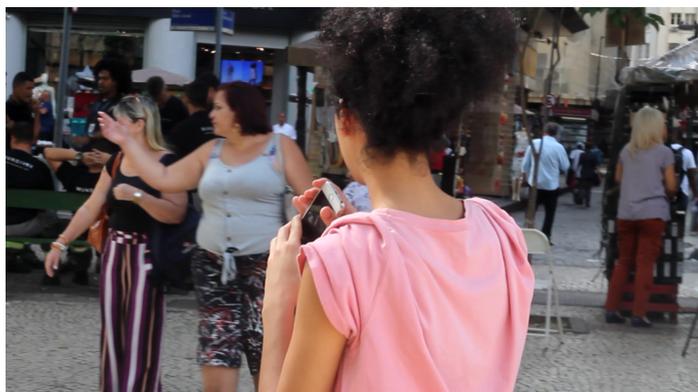
Júlia¹: Não. Eu entrei no início de 2017 e fiz dois cursos que me levaram a escolher o curso de artes visuais/escultura. Antes, ainda cursei três anos de graduação em Design de Moda e me formei em Artes Dramáticas pela Escola de Teatro Martins Pena.

¹ Na época da entrevista, Júlia Vicente fazia parte do corpo discente da UFRJ, ela formou-se em 2021. Atualmente, desdobra sua pesquisa no campo da performance, em específico, estuda sobre as instruções performáticas junto a elemento do texto teatral.

PalavrAr-te: *A sua experiência em Artes Dramáticas e Design de Moda foram importantes para a sua produção atual?*

Júlia: Sim, totalmente. Eu faço teatro desde os 12 anos. Foi o que me formou para chegar até aqui. Hoje, eu consigo perceber que a minha produção está toda estruturada a partir da minha experiência com o teatro; e entendo melhor, também, o que eu queria quando escolhi primeiro fazer um curso de design.

PalavrAr-te: *É interessante pensar no modo como essa interdisciplinaridade na sua formação faz parte do seu processo de amadurecimento artístico. Você poderia falar um pouco mais sobre essa dimensão da sua experiência?*



Rubrica, 2019

Júlia: Sim! Eu acho que passei por todas as funções que envolvem a construção de uma peça no teatro; passei por toda a parte técnica, que é tão importante quanto a parte que é vista, de fato, no palco. Desde o teatro de grupo no interior de Minas Gerais até uma escola centenária²

numa cidade grande. Ter contato com tudo isso me ajudou a entender o que eu queria realmente estudar e fazer. Eu saí do teatro querendo desconstruir a cena, a personagem e a narrativa linear, pensar mais a cena como um todo, ir pra rua, repensar o contato com o público. O curso de moda também se ressignificou, porque pude desenvolver esse pensamento da imagem e do conceito de uma maneira mais artística e menos mercadológica. Consegui acessar muito disso no curso de artes visuais da UFRJ, pois eu sabia, antes de entrar, que era um curso mais voltado para artes integradas (arte contemporânea).

² Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna no Rio de Janeiro.



como atravessar um mata-burro, 2021

PalavrAr-te: *Em que momento você percebeu que sua produção evidenciava ou abordava o seu eixo temático atual?*

Júlia: O curso me deu muitas ferramentas pra pensar o meu trabalho individual, coisa que eu nunca tinha feito. Inicialmente, acho que os assuntos foram muito pessoais, meio que uma

investigação sobre mim. Agora acho que consegui “expurgar” algumas questões e sinto que estou me abrindo mais para o outro, isso desde o último ano. Eu gosto muito de pensar a relação com as pessoas, acho que isso acabou me direcionando para um pensamento artístico materializado na performance e em instalações interativas.

PalavrAr-te: *Isso parece ficar mais evidente em seus trabalhos iniciais: a panela em “matriosca I”³, o café com leite em “ama”, as vasilhas com terra em “o dia em que encerrei a minha linhagem amando uma mulher”. São objetos cotidianos que você coloca em ação. Você diria que eles falam sobre suas raízes?*

Júlia: Sim, esses três trabalhos resumem muito o que eu sou. Falam, basicamente, da minha relação com mulheres e com a negritude, desde a minha família até os meus relacionamentos. Foi uma maneira também muito importante de passar por processos pessoais de autoconhecimento e de autoexpressão. Os processos de criação desses trabalhos foram mais instintivos, eu pensei mais sobre eles depois de fazer do que antes. Eu gosto de processos assim. Eu gosto de confiar nos processos que não são muito racionais.

³ A artista escolhe intitular suas obras usando, sempre, letras minúsculas.



ama, 2018

PalavrAr-te: *Você acha que os materiais selecionados e a abordagem do seu trabalho causam uma identificação que se conecta a uma espécie de memória afetiva comum?*



o dia em que encerrei
minha linhagem amando
uma mulher, 2019

Júlia: Eu percebo uma identificação muito bonita das pessoas com esses trabalhos. Acho que se deve muito ao fato de falar de uma experiência pessoal que reflete em outras experiências pessoais e pelo processo em si. Sinto que foram trabalhos necessários para mim.

PalavrAr-te: *Você busca traçar uma narrativa comum entre seus trabalhos? Por exemplo, a panela presente em “matriosca I” é a mesma presente em “namoro”, certo?*

Júlia: Sim, aquelas vasilhas são super úteis! Eu tenho que me segurar pra não usar elas em casa. Eu penso praticamente tudo como cena e tenho alguns materiais que sempre



matriosca I, 2017

se repetem, como: o metal de cor prata; embalagens e recipientes; materiais perecíveis, como o barbatimão que uso em “namoro”. É a criação de um imaginário que eu vou, aos poucos, preenchendo com novos elementos e acontecimentos. Para mim faz todo sentido que elementos de uma cena apareçam em outra, porque todos fazem parte desse mesmo lugar. É muito

divertido trazer esse lugar imaginário para se manifestar na realidade que a gente toca.

PalavrAr-te: *Em “namoro”, o banho preparado parte de um lugar de simbolismo ritual. A presença de três mulheres parte desse mesmo lugar?*



namoro, 2018

Júlia: Eu vejo mais como um lugar de intimidade; mas através de um ritual, sim. É um encontro em que duas mulheres partilham de uma experiência íntima juntas e comigo. Penso também sobre cuidado, fortalecimento: o banho de assento usado é de barbatimão, uma erva com muitas propriedades medicinais. Eu fiz esse trabalho de duas maneiras: no

ensaio que o Gabriel Blazar fotografou, em que a Clarisse Rates e a Gabriela Policarpo aparecem preparando o banho; e também como uma atividade aberta na qual quem quisesse poderia fazer o banho. Mas sempre mantendo essa dupla que faz o banho, uma de frente pra outra — olhando nos olhos — com a terceira mulher, que sou eu, em uma função cerimonial.

PalavrAr-te: *Em seus trabalhos, ora a performance se dá de um modo mais descontraído — como em “a construção da personagem” — ora de um modo mais controlado — como em “deslocamento zero”. Quais princípios você mobilizou e mobiliza no processo de construção de performances tão diferentes?*



a construção do personagem, 2019

Júlia: O estudo e a prática que envolveram toda a minha formação me levaram para a performance. Hoje, eu a entendo como minha linguagem artística principal e me dedico ao estudo dela. Esses dois trabalhos são mais recentes e ambos são sobre elementos do teatro — assim como a performance “rubrica”. O título de “a construção da personagem” é também o título de um livro de Constantin Stanislavski, ator russo que desenvolveu o método de interpretação realista mais utilizado no Ocidente. Em “deslocamento zero”, eu uso as noções de *viewpoints*, que é um outro método de pensar o tempo e o espaço teatral. Na performance, eu consigo repensar a tradição europeia — que inicialmente recebi sem muitos questionamentos —, introduzir e misturar outras referências, recortar exercícios e elementos teatrais de seus *habitats* naturais e (des)organizá-los. Enfim, a performance é um lugar em que eu me sinto muito à vontade, tanto no conteúdo quanto na forma.

PalavrAr-te: *Ainda sobre a performance, você acredita que ela te proporciona uma abertura para dispor melhor do seu corpo e da própria linguagem da escultura em seus trabalhos?*

Júlia: Sim, totalmente. Eu tenho uma aversão natural a materiais que ocupam muito espaço ou que não se decompõem. O corpo é o principal material da performance e é o material mais disponível que temos; pra mim é muito importante trabalhar com materiais



rubrica, 2019

e dinâmicas simples, porque penso muito no alcance dos trabalhos. Eu tive muito privilégio de receber lá na cidade onde cresci — Pará de Minas — alguns projetos que vinham de Belo Horizonte, de outros estados ou até de fora do Brasil — como o *Festival Mundial de Circo*⁴ — por ser a cidade onde

nasceu Benjamim de Oliveira⁵. Isso foi extremamente importante para eu conseguir me imaginar também como artista. Sempre vai ser uma preocupação minha levar a produção dos centros culturais pra trocar no interior, onde também existe uma produção cultural muito rica. Isso acaba por definir muitas escolhas no meu processo de criação, como ir pra rua me apresentar, por exemplo. Tem que ser versátil tanto no material quanto na relação.

PalavrAr-te: *Você enxerga o cotidiano como material para as narrativas dos seus trabalhos desde o início da sua produção?*

Júlia: Sim, sempre! Por um momento, eu me senti refém do cotidiano — não conseguia me desvencilhar dele —, mas venho entendendo que o que me move é pensar o cotidiano de uma maneira lúdica e trazer a arte mais pra perto da vida: misturar uma com a outra.

PalavrAr-te: *A relação com o processo artístico, durante a construção dos trabalhos, tem momentos mais frustrantes. Como você lida com essas situações e também com imprevistos ou com as expectativas que, em certos momentos, não se materializam?*

⁴ Festival realizado em Belo Horizonte e em cidades do interior de Minas Gerais desde 2001.

⁵ Benjamim de Oliveira é considerado o primeiro palhaço negro do Brasil.

Júlia: Eu só sinto (risos). Durante a construção, é um sofrimento só. Ainda estou aprendendo a lidar com isso. Eu gosto dos imprevistos, penso sobre eles, porque às vezes te levam pra um lugar melhor ou revelam uma coisa que está fora do seu controle e que pode ser ótima. Aprendi com alguém, há alguns anos — não lembro quem —, que tem coisa que a gente acha que é trabalho finalizado, mas é processo. Isso me ajuda muito a encarar as expectativas.

PalavrAr-te: *Por fim, como você enxerga seu corpo e seu trabalho no espaço da universidade?*

Júlia: Enxergo como um corpo e como um trabalho desconfiados e satisfeitos. Eu acredito muito no aprendizado pelas formas de conhecimento não acadêmicas; ao mesmo tempo, amo poder ter acesso ao conhecimento, às trocas e às ferramentas que a universidade me dá. Gosto de me enxergar como lugar de encontro entre o saber popular e o saber acadêmico, pois carrego ambos em meu corpo. Do mesmo modo como a performance se revelou na minha pesquisa e trabalho como uma interseção possível entre o teatro e as artes visuais.

Entrevista realizada em 28 de abril de 2020.

Imagens: Arquivo pessoal da artista e do fotógrafo Gabriel Vieira

Contatos da artista: @duasjulias / <https://cargocollective.com/juliavicente>

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/ Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ); Mônica Santos (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Anna Beatriz Jordão (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Hanna Hsu (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Anna Carolina Lopes (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Amanda Cipriano (graduanda em Letras: Português-Literaturas

da UFRJ); e Felipe Florentino (graduando em Letras: Português-Latim da UFRJ).

Supervisão geral: Aniela Improta França.

Revisão de texto: Marcelo da Rocha Lima Diego (professor adjunto do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ).
